

Educação Matemática: desafio financeiro em 31 dias

Eixo 5: Ensino e Aprendizagem de Matemática na Educação Básica

Viviane Luz Dias. UESB. 202210338@uesb.edu.br
Jurandi Junior Andrade Brito. UESB. juniorjurandi2@gmail.com

RESUMO

O presente texto visa relatar a experiência vivenciada na aplicação de uma oficina desenvolvida na disciplina de Teorias e Tendências do Ensino/Aprendizagem da Matemática em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Vitória da Conquista. O principal objetivo dessa atividade foi promover o pensamento crítico financeiro entre os estudantes do Ensino Médio de um Colégio Estadual localizado na presente cidade. Para alcançar tal objetivo, foi elaborado um jogo de tabuleiro dinâmico e acessível, na qual permitiu aos participantes compreender a importância de lidar com dívidas, dinheiro e cartão de crédito ao longo de um mês. A aplicação dessa oficina proporcionou um momento de interação com os jovens, estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico e a troca de informações acerca desse tema.

Palavras-chave: Educação Financeira; Oficina; Dívidas; Jogo de tabuleiro.

INTRODUÇÃO

A Educação Financeira (EF) constitui-se em uma área de conhecimento, visando promover uma melhor qualidade de vida e consciência sobre hábitos e consumos, de acordo com Buss e Amorim (2020).

Segundo Teixeira (2015),

a Educação Financeira não consiste somente em aprender a economizar, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro, é muito mais que isso. É buscar uma melhor qualidade de vida, tanto hoje quanto no futuro, proporcionando a segurança material necessária para obter uma garantia para eventuais imprevistos. Ela dá luz a vários aspectos e temas cotidianos que envolvem finanças, como orçamento, poupança, investimento, gerenciamento de dívidas, planejamento de aposentadoria, seguros etc. (2015, p.13)

Ao adquirirmos conhecimentos e habilidades em EF, estamos capacitados a tomar decisões financeiras mais inteligentes e a construir uma base sólida para a nossa segurança financeira e bem-estar geral. Esse é um processo de aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para tomar decisões financeiras conscientes.

O objetivo da EF é ajudar as pessoas a entender e administrar melhor suas finanças, proporcionando autonomia, pois alguém consciente e informado em relação à sua gestão, tem maior capacidade e conhecimento para gerir seus recursos de maneira consciente e sustentável, ampliando suas oportunidades.

Segundo Olivieri (2013):

(...) pode-se dizer que a educação financeira é uma forma de estar aberto ao processo constante de aprendizagem, desenvolvendo a capacidade integral do ser humano, com o objetivo de tomar decisões, tornar-se responsável pelos próprios atos oriundos do dinheiro para viver bem e equilibradamente. É um processo interno e individual. Só é possível transmiti-la através da vivência e experiência. É a demonstração daquilo que se está praticando. De nada adianta falar uma coisa e praticar outra (2013, p.49).

A EF vai além do conhecimento teórico e engloba a aplicação dos princípios e conceitos aprendidos no dia a dia. Somente assim, é possível alcançar resultados concretos e colher os benefícios de uma vida financeira saudável e equilibrada.

Alinhando-se com a Matemática Financeira, a EF visa fornecer informações sobre conceitos econômicos básicos, como taxas de juros, inflação, taxas de câmbio e outros fatores que afetam as finanças pessoais. Com esse conhecimento, as pessoas podem tomar decisões conscientes, evitar dificuldades financeiras comuns, reduzir dívidas e construir uma base sólida para um futuro financeiro saudável.

Após reconhecido pelo Ministério da Educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece que,

cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e

às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: [...] educação para o consumo, educação financeira e fiscal. [...] (BNCC, 2019 p.18).

Ao incluir esses temas nos currículos, as escolas possibilitam que os educandos adquiram conhecimentos práticos e aplicáveis no cotidiano, preparando-os para tomar decisões conscientes e responsáveis no âmbito financeiro e fiscal.

Nessa perspectiva, busca-se neste relato destacar as potencialidades da EF como temática e tendência, integrando-a às metodologias ativas, em especial, a utilização de jogos. Ressaltando a importância da implementação destes como atividades educativas, segundo Flemming e Mello,

vale mencionar que esse recurso deve ser adotado em sala de aula e que a aprendizagem de conteúdo poderá acontecer de forma mais dinâmica, menos traumática, mais interessante. Acreditamos que o jogo contribui para que o processo ensino-aprendizagem seja produtivo e agradável tanto para o educador quanto para o educando (FLEMMING; MELLO, 2003, p. 85).

Ao envolver os educandos em atividades lúdicas, os jogos proporcionam um ambiente de aprendizagem mais engajador e motivador, permitindo que eles assimilem os conteúdos de maneira mais efetiva. Além disso, incentivam a participação ativa, promovem a colaboração e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais desses indivíduos. Assim, a utilização de jogos como estratégia pedagógica pode trazer benefícios significativos para o processo educacional.

Além disso, essa metodologia se mostra especialmente proveitosa ao considerarmos nosso público-alvo: os Jovens Indivíduos Consumidores (CAMPOS; KISTEMANN JR., 2016). De acordo com a literatura, esse grupo de indivíduos desempenha um papel ativo no contexto financeiro em que estamos inseridos, sendo capaz de tomar decisões que afetam suas vidas pessoais e o ambiente ao seu redor. Portanto, ao direcionar a Educação Financeira para os jovens, estamos capacitando-os a desenvolver habilidades e conhecimentos essenciais para lidar de forma consciente e responsável com as questões financeiras que enfrentam atualmente e no futuro.

Diante disso, foi proposta por meio da disciplina de Teorias e Tendências do Ensino/Aprendizagem da Matemática (DCET 0094), do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em parceria com os bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), oficinas contextualizadas com as tendências já estudadas.

Dessa forma, optou-se por trabalhar com a tendência de Educação Financeira, a oficina intitulou-se como “Educação Financeira: Desafio Financeiro em 31 Dias”. Do ponto de vista metodológico, consideramos a oficina como estratégia facilitadora da troca dialógica e da construção de sentidos, cujos procedimentos articulam-se com (Méllo, Silva, Lima, e Paolo, 2007).

O principal objetivo dessa atividade foi promover o pensamento crítico financeiro entre os estudantes do ensino médio. Para alcançar tal objetivo, foi elaborado um jogo de tabuleiro dinâmico e acessível, na qual permitiu aos participantes compreender a importância de lidar com dívidas, dinheiro e cartão de crédito ao longo de um mês. A aplicação dessa oficina proporcionou um momento de interação com os jovens, estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico e a troca de informações acerca desse tema.

DESAFIO FINANCEIRO EM 31 DIAS

A aplicação da oficina ocorreu no Colégio Estadual Dom Climério Almeida de Andrade, em turmas de 2ª e 3ª Série do ensino médio com aproximadamente 25 educandos em cada turma, situado na cidade de Vitória da Conquista- BA. Esta teve duração de três horas e foi dividida em quatro momentos, o primeiro teve como objetivo a socialização com os educandos, houve assim a apresentação dos ministrantes bem como dos indivíduos presentes. Além disso, houve a explanação da parte teórica da oficina, ou seja, definiu-se como seria o desenvolvimento desta, bem como o jogo que seria proposto.



No primeiro instante, é decidido pela “sorte” do dado a profissão e o salário de cada participante. Para isso, cada jogador rola o dado e de acordo o número que cair, sua profissão será determinada, por exemplo, se o dado cair no número 1, sua profissão será carteiro com salário de R\$1800,00; em 2, professor e salário R\$2400,00; em 3 será garçom recebendo R\$2200,00, no 4 operador de caixa por R\$2000,00; dado com face em 5 será eletricitista com salário de R\$ 2300,00; por fim, se o dado cair em 6, o jogador será um porteiro e receberia R\$ 1700,00. Além do salário fixo, foi disponibilizado a cada jogador um cartão de crédito sem limite que pode ser usado para pagar as dívidas.

As casas do tabuleiro eram divididas em cores e seguiam o sistema dos cartões com situações/problemas, estes ficariam dispostos e de acordo com a casa que cada participante caísse, escolheria a carta e resolveria o problema. Essa dinâmica de cartas aconteceria durante todo o jogo, de forma que todos os jogadores chegariam à casa final, e apenas neste momento, seria analisado quem venceu, sendo que este seria definido por estar menos endividado e com maior saldo na conta.

Tais regras foram elaboradas para instigar o senso crítico dos educandos, a análise dos gastos e a necessidade de saber lidar com o uso do cartão de crédito e o dinheiro. Diante disso, ficou explícito a empolgação dos discentes em relação à dinâmica, percebendo-se assim uma grande interação e curiosidade com o jogo, além da euforia para começar a jogar.

Já no segundo momento, com os grupos já formados, foram definidas as profissões individuais e os respectivos salários, todos os participantes envolvidos começaram a se movimentar, conforme a Figura 2. Após retirarem as cartas, haviam reações tanto de frustração, tristeza de um gasto muito alto, quanto de felicidade ao tirar uma carta verde e descobrir que ganhou dinheiro. Vale ressaltar que o jogo também envolvia momentos que dependiam da sorte do jogador, pois além do dado definir a cor da carta que deveria ser pega, ao realizar essa ação, o jogador poderia pagar caríssimo como a parcela de um tablet, ou algo mais barato como o gás de cozinha.

Figura 2: Educandos jogando



Fonte: Arquivo Pessoal

Como o objetivo do jogo não era chegar na casa “final”, mas analisar quem se saiu melhor em lidar com contas e gastos, após todos os grupos acabarem, houve a análise das tabelas dos gastos pessoais de cada jogador, alguns saíram extremamente endividados, enquanto outros saíram com um valor maior que o seu saldo inicial. Com isso, definiu-se os vencedores de cada grupo.

Com o término do jogo, iniciou-se o terceiro momento, este consistiu na conceitualização, dos conteúdos de orçamento pessoal, planejamento para o futuro, poupança, comportamentos financeiros saudáveis, dívidas, cartão de crédito e investimentos, para isto foram utilizados slides. Tais conceitos foram apresentados, de forma intercalada, com as indagações e análises dos educandos em relação aos conteúdos.

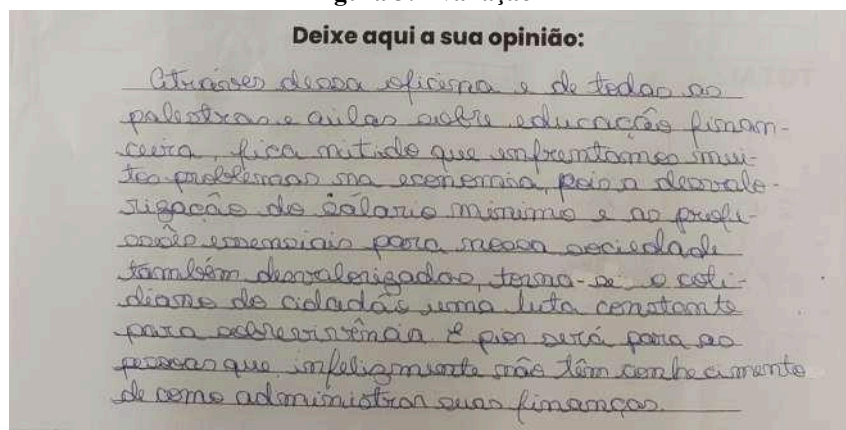
Nesse processo houve a indagação de um dos educandos: “Como faço para diferenciar entre desejo e necessidade na hora de decidir uma compra?”. Logo lhe foi respondido: “Na hora de se tomar uma decisão de compra, se deve avaliar aspectos como a utilidade, durabilidade, custo-benefício, entre outros, que venham a definir a importância desta compra, pois se não lhe é realmente útil, será mais um desejo do que uma necessidade, se lhe for útil por um curto período de tempo, geralmente está

relacionado a um desejo momentâneo, já o custo benefício está relacionado ao quanto esta compra agregará em sua vida em razão do preço”

Por fim, no último momento, foi entregue a cada educando um formulário de questões relacionadas à Educação Financeira e à interpretação do jogo. Questionou-se aos indivíduos a relevância que davam ao estudo da Educação Financeira, estes pontuaram-a como muito importante. Quando indagado sobre a aplicação da oficina e sua relevância com a temática, sinalizaram positivamente evidenciando que não era de costume abordar tal temática no contexto escolar, sendo que a mesma era muitas vezes trabalhada apenas como Matemática Financeira.

No final do questionário, disponibilizou-se uma lacuna para que os educandos expressassem suas opiniões, pontos positivos e negativos, a respeito da oficina realizada, bem como sugestões de aprimoramento da mesma. Nas respostas obtidas, notou-se manifestações de indignação dos educandos por terem ficado muito endividados, e outros contavam sobre a felicidade de ter economizado muito, ou ainda, saírem com um saldo maior que o inicial. A seguir, estão alguns destes comentários:

Figura 3: Avaliação 1

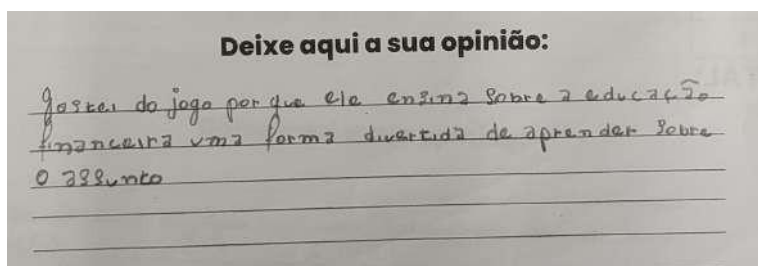


Fonte: Arquivo pessoal

Educanda 1: “Através dessa oficina e de todas as palestras e aulas sobre Educação Financeira, fica nítido que enfrentamos muitos problemas na economia, pois a desvalorização do salário mínimo e as profissões essenciais para nossa sociedade também desvalorizadas, torna-se o cotidiano do cidadão uma luta constante para

sobrevivência. E pior será para as pessoas que infelizmente não têm conhecimento de como administrar suas finanças”.

Figura 4: Avaliação 2



Fonte: Arquivo pessoal

Educanda 2: “Gostei do jogo porque ele ensina sobre a educação financeira uma forma divertida de aprender sobre o assunto”.

Os educandos receberam, de modo geral, muito bem a oficina desenvolvida, com exemplos de indivíduos que requisitaram mais aplicações da mesma, após esse momento foi dado encaminhamento a finalização da atividade. Percebe-se que os educandos compreenderam a importância de se conhecer e se aprofundar na Educação Financeira, deste modo, apresenta-se na seção abaixo as considerações finais dos ministrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A aplicação desta oficina foi uma oportunidade dos ministrantes desenvolverem uma maturidade com relação à sua futura prática docente. Além disso, a aplicação do jogo foi um momento bastante interativo e dinâmico, visto que todos os estudantes participaram. Houve uma percepção crítica por parte destes, em relação ao jogo, eles entenderam a necessidade de lidar com o dinheiro ao qual lhes foi disponibilizado de uma forma econômica, tomando cuidado para não esbanjar no uso do cartão de crédito, em contrapartida alguns optaram por não utilizar, pois acreditavam ser algo ruim.

Durante o momento de socialização, houve também bastante interação por parte dos educandos, seus questionamentos envolviam: entender e trazer relatos sobre o uso

do cartão de crédito, alguns deles falaram bem, e apontaram benefícios, enquanto outros diziam nunca ter interagido com o mesmo. Houve ainda interação no momento em que foi proposto o tema “organização pessoal e organização financeira”, muitos deles abordaram a necessidade de aprender a economizar, de não gastar mais do que se tem, contribuindo assim para uma formação crítica desses estudantes.

Em relação ao jogo, houve uma indignação por parte daqueles que não conseguiram economizar, por causa dos gastos relacionados às cartas que pegaram no jogo, pois muitas delas deixavam o participante sem opção, ou endividado. De fato, o jogo foi algo bem recebido, pode-se apreciar o quanto os estudantes estavam gostando, criando assim um ambiente descontraído.

Por fim, evidenciou-se que a realização desta oficina permitiu que ministrantes e educandos construíssem um ambiente de reflexões, contribuições e interações. Esta experiência permitiu que os envolvidos repensem suas práticas cotidianas, evidenciando assim um dos objetivos da Educação Financeira. Além disso, os ministrantes puderam ter seu primeiro contato com uma sala de aula à frente de uma turma, fato este que contribuiu para a formação inicial destes graduandos.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, A. B.; KISTEMANN JR., M. A. Uma proposta de Educação Financeira com Jovens-Indivíduos-Consumidores (JIC’S). **Revista BOEM**, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 211-233, 2016.

FLEMMING, D. M.; COLLAÇO DE MELLO, A. C. Criatividade Jogos Didáticos. São José: Saint-Germain, 2003.

OLIVIERI, M. de F. A. Educação Financeira. **REVISTA ENIAC PESQUISA**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 43–51, 2013. DOI: 10.22567/rep.v2i1.108. Disponível em: <https://ojs.eniac.com.br/index.php/EniacPesquisa/article/view/108>. Acesso em: 11 jun. 2023.

TEIXEIRA, J. **Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre educação financeira e Matemática Financeira**. 2015. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.